A DITADURA MILITAR E AS RAÍZES IDEO-POLÍTICAS DO "BOLSOLAVISMO"

Maria Clara Ezequiel Bezerra[1]

Dandara Emilly Silva Chagas[2]

Yanca Virgínia Araújo Silva[3]

Jamerson Murillo Anunciação de Souza[4]

RESUMO

Discute-se o processo de formação ideológica do bols(olavismo), enquanto vertente conservadora hegemônica contemporânea, abordando a realidade social em diferentes contextos, partindo das raízes ideo-políticas do período histórico da ditadura militar brasileira, que nos fornecem elementos para entender o fenômeno em questão. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório, assentada no materialismo histórico dialético. Acreditamos que o resgate e a problematização do período militar e a denúncia de sua influência na contemporaneidade é vital para pensarmos formas de organização e resistência ao processo de destruição da democracia brasileira que avança a passos largos.

Palavras-chave: Ditadura militar; Governo Bolsonaro; Bos(Olavismo).

ABSTRACT

The process of ideological formation of the bols (Olavism) is discussed, as a contemporary hegemonic conservative strand, approaching the social reality in different contexts, starting from the ideo-political roots of the historical period of the Brazilian military dictatorship, which in the elements to understand the phenomenon in question.This is an exploratory bibliographical research based on dialectical historical materialism. We believe that rescuing and questioning the military period and denouncing its influence in contemporaneity is vital for thinking about forms of organization and resistance to the process of destruction of Brazilian democracy, which is advancing at great strides.

[1] Universidade Estadual da Paraíba; Mestranda no Programa de Pós Graduação em Serviço Social PPGSS/UEPB; claraezequiel@hotmail.com

[2] Universidade Estadual da Paraíba; Mestranda no Programa de Pós Graduação em Serviço Social PPGSS/UEPB; dandaraemillyschagas@outlook.com

[3] Universidade Estadual da Paraíba; Mestranda no Programa de Pós Graduação em Serviço Social PPGSS/UEPB; yancavasilva@gmail.com

[4] Professor do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor colaborador do PPGSS/UEPB; jamerson.souza@academico.ufpb.br.

Keywords: Military Dictatorship; Bolsonaro Government; Bols(olavism).

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo traz em seu escopo uma pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório, tendo como objetivo refletir acerca do processo de formação ideológica do bols(olavismo)[5], enquanto vertente conservadora hegemônica contemporânea, buscando suas raízes ideo-políticas no período histórico da ditadura militar brasileira.

No intuito de compreender a hegemonia do conservadorismo no capitalismo brasileiro contemporâneo, bem como as formas de dominação de classe hegemonizadas pelo fenômeno do bols(olavismo) na atualidade, é imprescindível realizar uma leitura crítica, mediante uma abordagem histórico-dialética que interprete a luta de classes como motor do desenvolvimento histórico.

Nesse sentido, para uma apreensão crítica deste fenômeno, enquanto uma visão de mundo conservadora que justifica práticas antidemocráticas, atenta contra as instituições, propaga o descrédito da ciência enquanto cultua o irracionalismo e incita o ódio e a violência, faz-se necessária uma análise de suas raízes ideo-políticas e históricas.

Desse modo, o presente trabalho visa apresentar aspectos que concorram para uma abordagem crítica, a partir de aproximações sucessivas ao objeto de estudo, na medida em que expõe elementos característicos dessa "passagem desbotada na memória das nossas novas gerações"[6].

Para tanto, elaboramos uma "Introdução", na qual discorremos sobre o objeto de estudo, os objetivos e a perspectiva teórico-metodológica adotada. Na sequência,

---

[5] O que chamamos de "bolsolavismo" (união de bolsonarismo e olavismo) tem suas raízes ídeopolíticas e históricas anteriores às eleições presidenciais de 2018. Se nos voltarmos à história do Brasil, observamos que muitos dos discursos e posturas que hoje ganham espaço na cena política, remontam ao período sombrio da ditadura militar. A defesa do anticomunismo, um inimigo interno a ser combatido, está para 1964, assim como o antipetismo está para os dias atuais.

[6] Trecho da música "Vai passar" de Chico Buarque de Holanda, que faz referência ao período da ditadura militar.

construímos o tópico denominado “a ditadura civil militar brasileira”, que trata de um retorno ao período da ditadura militar no Brasil, entendendo que esse contexto apresenta as bases para formação do que hoje se conforma o bols(olavismo), e, em seguida, apresentamos o ponto “elogio à ditadura e o “bolsolavismo”. Finalizamos com as considerações finais e elencamos as referências utilizadas.

2 A DITADURA CIVIL MILITAR BRASILEIRA

Em 2021, o Golpe de Estado de 31/03/1964 completa 57 anos. A memória histórica registra uma ampla atuação antidemocrática, com destaque para a censura, as práticas de tortura e terrorismo de Estado, além da atuação repressiva e violenta aos movimentos políticos de contestação ao regime. Contraditoriamente, em torno do período ditatorial, foi construído um ideal de passado mítico pelo (bols)olavismo. Esse passado idealizado contribui como motivação ídeo-política para a atuação dos grupos bolsonaristas radicalizados.

Por vinte longos anos (1964 -1984), a sociedade brasileira sofreu intensa opressão política e instabilidade sob a liderança de militares no poder, a despeito da propaganda ufanista, que tentava emplacar uma imagem de “Brasil potência”. Netto (2014, p.16) afirma que esse período pode ser caracterizado por retrocessos que “impuseram à massa dos brasileiros a despolitização, o medo e a mordaça”. Não é à toa que esta época seja lembrada, no tempo presente, como uma das mais sombrias quadras da história do Brasil.

Fagundes (2014) aponta que o Golpe de 1964 pode ser analisado em três fases, a saber: (i) conspiração, (ii) tomada de poder e (iii) construção do novo regime. O referido autor aponta que o bloco civil-militar que conspirou e derrubou o presidente João Goulart não era monolítico, coeso e coerente, ao contrário disso, tratava-se de uma união multifacetada, com motivações variadas – envolvendo desde o alto comando das Forças Armadas, até conspiracionistas de caserna, de baixas patentes. Segundo o referido autor,

> As motivações que levaram ao golpe são muitas e de ordem variada, para os seus autores as causas principais estavam na desordem política e social

> e na instabilidade que o país enfrentava, na corrupção generalizada, na subversão e na ameaça do comunismo e, sobretudo entre os militares, na crise hierárquica dentro das forças armadas que, em grande medida, decorria da interferência do governo Goulart [...].(FAGUNDES, 2014, p. 61).

Vale salientar que o golpe e seus idealizadores não traziam nenhum projeto de futuro, apenas slogans e interesses difusos, sendo seus multifacetados motivos insuficientes para garantir a legitimidade do regime ditatorial que se instaura no Brasil. Diante disso, colocavam-se os desafios de buscar consensos nas forças armadas, e de propagar um discurso que legitimasse e justificasse o processo.

Nesse contexto, a Escola Superior de Guerra (ESG) desempenhou um papel importante, uma vez que foi o espaço de desenvolvimento das justificativas militar e política para o regime, através da adoção da chamada Doutrina de Segurança Nacional, que segundo Fagundes (2014) é uma peça chave para compreender o período ditatorial militar.

> Para a Doutrina de Segurança Nacional, a questão central é a garantia da segurança interna, que exige duas condições: a criação de um aparato repressivo, encimado por uma rede de informações que permita detectar o “inimigo interno” (os “subversivos”), capaz de neutralizá-lo/eliminá-lo, e a implementação de uma política de desenvolvimento econômico, eficiente e assentada no planejamento para assegurar a força militar do Estado. (NETTO, 2014, p. 76-77)

Nessa análise, é imprescindível tecer algumas considerações sobre a conjuntura internacional, pois ela trouxe elementos determinantes para o desenvolvimento do regime. O clima da Guerra Fria e a polarização entre capitalismo e socialismo, a Revolução Cubana, a fragilização da hegemonia norte-americana nos anos 1960, somadas às reformas de base propostas pelo então presidente João Goulart, colocaram em tela a ideia de que, com a influência soviética, o conhecido “perigo comunista” e suas ameaças rondavam os quatro cantos do planeta.

Tal influência estaria ameaçando não somente a segurança, o desenvolvimento, o progresso e a ordem, mas também o cristianismo, o código moral, os bons costumes e toda a base da civilização cristã no ocidente. Tal perspectiva foi fundamental para a instauração de um clima de tensão internacional,

que contribuiu para o fomento do anticomunismo em diversos países, entre eles o Brasil.

Desse modo, o anticomunismo[7] se tornou o elemento ideológico central para detonar o golpe de 1964, influenciado e financiado pelos Estados Unidos, que buscava deter e reverter a erosão de sua hegemonia, operando o que Netto (2014) apresenta como contrarrevolução preventiva. Assim, o regime ditatorial militar se instaurou com base em um discurso moralista, que em tese (fantasiosa) combatia a corrupção. Enquanto propagava o mito de que a intenção da intervenção militar era garantir a segurança nacional e as eleições presidenciais de 1965, o golpe se constituía como uma estratégia para garantir os interesses das multinacionais, reforçar o papel secundário e subalterno do Brasil no contexto da divisão internacional dos mercados de capital e trabalho.

O assim chamado "perigo vermelho", real ou imaginário, tornou-se importante elemento para que o pensamento da Escola Superior de Guerra se torne predominante dentro das forças armadas e para conquista de adesão popular ao golpe, servindo, posteriormente, de pretexto para muitas ações impopulares dos governos militares, bem como para justificação da permanência desses e da repressão que empreendiam. Netto (2014) tece considerações acerca do papel desempenhado pela Igreja Católica nesse contexto, afirmando que

> A Igreja Católica participou intensamente da cruzada antidemocrática contra Jango, conduzida para conjurar o "perigo vermelho" — praticamente toda a sua hierarquia contribuiu ativamente na desestabilização do governo; só no final da década de 1960, alguns hierarcas e, em seguida, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil/CNBB (que, em junho de 1964, saudou a deposição de Jango) compreenderam a significação do golpe e redimensionaram a sua atuação. (NETTO, 2014, p. 47)

Em suma, o fato é que a Doutrina de Segurança Nacional, desenvolvida no contexto da Guerra Fria e utilizada como elemento fundamental para instauração do Golpe civil-militar, tinha como premissa proteger a nação de um inimigo interno, a ser combatido e eliminado.

[7] Anticomunismo é designado como uma doutrina de oposição ao comunismo, englobando diversas forças políticas e sociais, dos mais variados espectros ideológicos. Ganhou força a partir de 1917 com a revolução Bolchevique na Rússia e se atualiza continuamente, a exemplo da Guerra Fria conforme mencionado anteriormente.

3 ELOGIO À DITADURA E O "BOLSOLAVISMO"

Diante dessas considerações, faz-se importante sinalizar as confluências entre a ditadura civil-militar e a emersão do bolsonarismo, enquanto representação da extrema-direita brasileira na atualidade. Bolsonaro, pertencente à linhagem militar, é um entusiasta desse período obscuro da história brasileira e sua ascensão à presidência guarda similitudes com a instauração do regime militar instaurado após 1964. O professor e ensaísta João Rocha (2020) argumenta que o bolsonarismo

> [...] é um poderoso sistema de crenças resultante do encontro de três fatores: a Doutrina de Segurança Nacional, um livro secreto da ditadura e a pregação de Olavo de Carvalho. A combinação articula uma visão de mundo bélica, expressa numa retórica de ódio alimentada por teorias conspiratórias, que precisa ser decifrada para ser superada. (ROCHA, 2020)

O primeiro fator salientado pelo referido autor, trata de uma atualização de determinado aspecto da Doutrina de Segurança Nacional em um contexto democrático, como exemplo fatídico desse ponto, podemos notar a reunião ministerial de 22 de abril de 2020. Na mentalidade bolsonarista, a identificação e eliminação de um inimigo está na ordem do dia, constituindo assim o ponto central de sua forma de pensar. Bolsonaro, em diversas ocasiões, enaltecendo o período da ditadura militar, afirma que essa desempenhou um papel importante na eliminação da sombra do comunismo e dos riscos que esse poderia trazer para o Brasil.

Para o presidente, tal perigo não ficou no passado, uma vez que o comunismo ainda se apresenta como um inimigo para a nação. Em jantar na sede da residência oficial do embaixador do Brasil em Washington, o presidente Jair Bolsonaro disse que o país "estava caminhando para o socialismo, para o comunismo". Ao se referir aos comunistas com termos extremamente pejorativos e falar veementemente sobre a necessidade de erradicação do comunismo no Brasil, o chefe de estado chega a ser ovacionado por um grande massa da população, o que é um elemento preocupante, uma vez que revela novamente a adesão popular a um discurso perigoso e isento de fundamentos reais.

O segundo fator, apresentado por Rocha (2020), que concorre para formulação do sistema de crenças bolsonaristas diz respeito ao livro “Orvil”. Esse livro surge no cenário como um contraponto ao livro “Brasil: nunca mais”, que elencava as terríveis arbitrariedades cometidas no período da ditadura militar no Brasil, uma das mais importantes obras acerca da violência de Estado, que ressaltava, dentre outras coisas, a tortura, o assassinato e o desaparecimento de corpos de adversários políticos. A obra “Brasil: Nunca Mais” teve grande repercussão no cenário nacional e internacional, produzindo uma mancha indelével na imagem das Forças Armadas. O livro “Orvil”, por sua vez, enumera crimes atribuídos à esquerda, aos guerrilheiros, que remontam ao inimigo permanente: o comunismo. Tal livro apresenta-se como uma espécie de Bíblia para a família Bolsonaro, sendo uma fonte de sua visão bélica de mundo. Acerca disso, Rocha (2020) afirma:

> Ora, para compreender a visão de mundo bélica e a estrutura de pensamento conspiratória do bolsonarismo basta associar os dois elementos. A DSN exige uma concepção agônica, que busca identificar e eliminar o inimigo. O “Orvil” oferece a cereja do bolo: o movimento comunista internacional está sempre à espreita, levando à identificação imediata e sempre certeira do adversário infatigável, o “perigo vermelho”, metamorfoseado na era digital em malévolo “globalismo”. (ROCHA, 2020, p. 7).

O terceiro elemento, que assegura as bases para o fenômeno do bolsonarismo, é o sistema de crenças do Olavo de Carvalho, do qual Bolsonaro é um discípulo. O guru do bolsonarismo proclama-se como “parteiro da direita brasileira”. O elogio ao obscurantismo, a negação da ciência moderna, teorias conspiratórias, colocações anti-esquerda, ofensas infantis e preconceituosas, são algumas das confluências entre o olavismo e o bolsonarismo. Apesar dos seus ensinamentos levianos e fantasiosos, as colocações de Olavo de Carvalho têm sido levadas a sério por uma grande massa.

> A retórica do ódio é a mais completa tradução das consequências plúmbeas da DSN, limitando o outro ao papel de antagonista, inimigo a ser destruído [...]O bolsolavismo é um poderoso sistema de crenças, dotado de coerência interna paranoica, tornando-o praticamente imune ao princípio de realidade. Eis a definição da guerra cultural bolsonarista, o verdadeiro centro de gravidade que permitiu a vitória eleitoral de Bolsonaro. (ROCHA, 2020, p. 7).

O sistema de crenças do Olavismo enquanto ideologia-base do bolsonarismo é pautado num resgate das teorias de conspiração do período militar brasileiro, tendo como exemplo um dos *carros-chefe* do discurso bolsolavista: a guerra empreendida contra um suposto "marxismo cultural". Para Melo (2020), a conspiração do marxismo cultural fomentada por Olavo e seus discípulos é parte constitutiva central do conteúdo ideológico bolsonarista, influenciando assim sua atuação política e de seus militantes.

O que aqui chamamos de *bolsolavismo* é justamente a ideologia formada pela revitalização bolsonarista dos componentes ideológicos presentes no período ditatorial e que são condensados pelas reflexões do seu intelectual mais proeminente e central: Olavo de Carvalho.

Se analisarmos a "produção teórica" de Carvalho, identificamos um número expressivo de livros cujo conteúdo político-ideológico tem inspiração nas visões de mundo alimentadas durante a ditadura militar brasileira, a exemplo do *Orvil.* Conforme citado anteriormente, o livro que conta com mais de 900 páginas, apresenta um revisionismo histórico dos acontecimentos no país, contendo capítulos sobre "Os crimes do PCB", "O assalto ao poder" e um intitulado "A revolução democrática de 1964" em que os militares são apresentados como *salvadores* do país frente à ameaça comunista (MACIEL; NASCIMENTO, 2012).

Nesse sentido, Carvalho reflete sobre a ameaça do "marxismo cultural" em seu livro intitulado "A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci", onde tece considerações sobre a figura de Antonio Gramsci e sobre o que ele chama de *gramscismo.* Segundo ele, as ideias de Gramsci estariam dominando a sociedade e exercendo uma hegemonia cuja função é "chegar ao poder quando já não houver mais ideias adversas no repertório mental do povo". (CARVALHO, 1994, p.55)

Tal retórica, representa a base da desqualificação e ataque ao pensamento crítico na sociedade e em especial às universidades públicas no país, que segundo Olavo e seus discípulos[8] estariam dominados pelo "marxismo cultural". Esse ataque

[8] Um dos alunos mais proeminentes de Olavo de Carvalho é Miguel Nagib, fundador e idealizador do projeto "Escola sem Partido" que como se sabe busca combater o pensamento crítico nas escolas brasileiras.

ao pensamento crítico aliado ao fomento de um revisionismo histórico produziu uma massa de militantes *negacionistas* da ciência, que inspirados por teorias conspiratórias vão desde acreditar que a terra é plana até assumir que o Coronavírus é um "vírus comunista" parte do plano de dominação mundial do marxismo.

Os efeitos desse discurso negacionista promovido por Bolsonaro e respaldado pelas visões de mundo presentes no *bolsolavismo* se fazem presentes na pandemia de Covid no país, em que milhões de apoiadores do presidente negam a ciência e desconsideram os efeitos da vacina, por exemplo, além de aderirem ao chamado *tratamento precoce* que não possui eficácia comprovada. Conforme discute o professor Calil (2021), a negação da pandemia configurou-se como uma estratégia bolsonarista executada pelo Estado brasileiro no sentido de propagação do vírus, para atingir a assim chamada *imunidade de rebanho*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio visou apresentar algumas notas acerca do processo de formação ideológica do bolsolavismo, buscando na ditadura militar brasileira as raízes ideo-políticas e históricas desse fenômeno. Afirmamos que a ditadura militar representa um importante capítulo da história brasileira e as consequências de seus 21 anos de duração reverberam ainda hoje na sociedade.

Essa cena na história do Brasil precisa ser rememorada para compreender o teor dos acontecimentos que estão em curso na contemporaneidade, para desvendar os riscos que a ascensão do bolsolavismo apresenta para a ordem democrática e para as conquistas civilizatórias pós 1988.

Os que não viveram aqueles dias tristes precisam conhecer sua crônica, e como toda tragédia política, precisa ser exposta para conhecimento de todos, para que assim, sejam combatidas duramente todas as suas renovações, seja qual for o discurso e o disfarce.

A investigação dos fundamentos históricos e políticos-ideológicos do Bolsolavismo é imprescindível para compreender o *modus operandi* da extrema-

direita atuante no país hoje e seu resgate, permite uma atualização da crítica ao período militar e a todas as violações cometidas pelos militares. Não trata-se de uma coincidência que o governo de Jair Bolsonaro tenha a maior composição militar em seu quadro desde a redemocratização brasileira, com dados que apontam a presença de militares em cargos de chefia e comando no alto escalão.

Representa na realidade a vinculação medular das ideologias do período ditatorial com a visão de mundo propagada por Bolsonaro, que encontra mediação também no revisionismo histórico e negacionismo veiculado por Olavo de Carvalho, o que apontamos no decorrer deste trabalho ser a constituição do que chamamos de *Bolsolavismo.*

Reiteramos, por fim, que o resgate e a problematização do período militar e a denúncia de sua influência na contemporaneidade é vital para pensarmos formas de organização e resistência ao processo de destruição da democracia brasileira que avança a passos largos. O horizonte de atuação do bolsolavismo é rumo a um passado de horror e violência no país e acreditamos que ele é uma roupa que não nos serve mais[9].

REFERÊNCIAS

CALIL, Gilberto Grassi. **A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista.** Serviço Social & Sociedade [online]. 2021, n. 140[Acesso 26 Ago 2021] pp. 30-47. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.236>.

CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci.** Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais & Stella Caymmi. 1994

FAGUNDES, A. L. C. **Do golpe à ditadura**: a doutrina de segurança nacional e a construção do regime militar. In: OPSIS, Catalão, v. 14, n. 1, p. 60-78, jan./jun, 2014

MACIEL, Licio; NASCIMENTO, José Conegundes. **Orvil – Tentativas de Tomada do Poder**. São Paulo: Ed Schoba, 2012.

[9] Referência à canção “Velha roupa colorida” composta por Belchior e eternizada na voz de Elis Regina.

MELO, Demian. **O Bolsonarismo como Fascismo do Século XXI.** In: REBUÁ, Eduardo et. al. (Org). (Neo)fascismos e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020, p.12-46.

NETTO, J. P. **Pequena história da ditadura brasileira (1964 – 1985).** 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

ROCHA, J. C. C. A arquitetura da destruição. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 09 ago. 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/43818016/Bolsonarismo_arquitetura_de_destrui%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 13 de fevereiro de 2021.